

PALAVRA DO LEITOR

estrutura vêm sendo já há anos submetidos pelos vários governos que se sucedem.

Na área privada consolida-se a tendência das grandes e médias empresas trabalharem com a generalizada disposição de não manter em seus quadros equipes técnicas permanentes, o que implica também na perda da memória técnica e da experiência acumulada.

Enfim, em tempos onde se discute exaustivamente a necessidade do retorno dos investimentos públicos e privados em obras de infraestrutura, esses fatos todos estão a sacudir nossa racionalidade: investimentos para construção de novas obras e recuperação de obras antigas são fundamentais e indispensáveis, mas serão investimentos realizados com baixíssima inteligência se não se fizerem acompanhar obrigatoriamente de exigências explicitadas e especificadas para o emprego da melhor técnica, antes, durante e após a inauguração da obra – ou seja, no projeto, na implantação e na conservação da obra.

** Álvaro Rodrigues dos Santos é geólogo, ex-diretor de planejamento e gestão do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), autor dos livros “Geologia de Engenharia: Conceitos, Método e Prática”; “A Grande Barreira da Serra do Mar”; “Diálogos Geológicos”; “Cubatão”; “Enchentes e Deslizamentos: Causas e Soluções”; “Manual Básico para elaboração e uso da Carta Geotécnica”; e “Cidades e Geologia”. É consultor em Geologia de Engenharia, Geotecnia e Meio Ambiente
E-mail: santosalvaro@uol.com.br*

A ESCOLHA DO MEDIADOR NOS CASOS DE ENGENHARIA

RICARDO ISSA*

Há um entendimento, por parte dos atores da mediação, que o mediador não precisa entender da matéria do litígio, uma vez que não lhe caberá decidir a questão em discussão, seja ela qual for.

Particularmente discordo desta visão romântica que prega como suficiente o domínio das técnicas e ferramen-

tas da mediação, para qualificar o mediador para qualquer tipo de situação.

Não há dúvida quanto à necessidade desta capacitação indispensável. Mas quem se apresenta como um “facilitador”, oferecendo apoio a uma negociação, deve somar a esta capacitação as diversas expertises que possa ter desenvolvido ao longo da vida.

Nos casos que envolvem problemas de engenharia, defendo que a escolha leve em consideração (além de sua óbvia capacitação), sua vivência como engenheiro, valorizando quantas mais atividades e funções tenham ele desempenhado ao longo dos anos.

Partindo do “perfil ideal” de que o candidato tenha sido fiscal, executor, subempreiteiro, projetista, contratante principal, outros tantos, deve-se considerar quais (e quantos) chapéus passaram pela sua cabeça, compondo um “perfil mais próximo do ideal possível (PMPPIP)”.

Mais do que um especialista na matéria específica em pauta, ele terá uma visão mais ampla do caso, se tiver passado pelas situações de todas (ou quase todas), as Partes envolvidas no processo.

Sempre utilizando as ferramentas da mediação, lhe será mais fácil (e útil a todos), fazer perguntas esclarecedoras, manter a escuta empática, conduzir mais produtivamente as sessões de “cáucus” (sessões privadas com cada uma das partes), conquistar a confiança das pessoas (que passarão a desenhar, com ele, uma solução possível de ser adotada)...

Entender (e sentir) claramente os anseios, as queixas, as inseguranças, os temores de cada um dos participantes é, no meu modo de ver, um “plus” importantíssimo para o andamento objetivo dos trabalhos.

Sim... dos trabalhos! Pois, na engenharia a mediação é outra etapa dos trabalhos contratados entre as partes!

Nada melhor, nesta etapa, que contar com um mediador que atue junto com cada um dos mediados na criação de alternativas para por fim às demandas... quase sempre de mesmo cunho.

** Ricardo Issa é engenheiro, foi gerente técnico da Geotécnica e da Tecnogeo, atua como consultor de mediação e arbitragem
E-mail: ricardoissa74@gmail.com*

